

PAULO FREIRE, PEDAGOGIA DA AUTONOMIA E ÉTICA

PAULO FREIRE, PEDAGOGY OF AUTONOMY AND ETHICS

Michelle de Paula Machado Venuto¹

RESUMO

Na atualidade a ética tem se mostrado como um dos temas mais críticos, efervescentes e incômodos, tanto na vida privada como na pública. Paulo Freire nos mostra que ensinar não tem nada a ver com transferir conhecimento e que precisamos saber disso por suas razões de ser, visto que o conhecimento é muito mais e que é preciso ser constantemente testemunhado e vivido pelas pessoas. As palavras de Paulo Freire em todas as suas obras nos trazem inquietações sobre o papel que estamos tendo diante de tudo o que está acontecendo a nossa volta. Quando analisamos a escrita de um livro, que data de 1996 e que seu autor já não se encontra mais entre nós, quando pensamos sobre tudo o que foi dito sobre ética, autonomia, coerência, bom-senso, humanidade, percebemos como involuímos. Deveríamos ser seres humanos mais justos, mais éticos. Mas o que será que temos sido?

Palavras-chave: educação; sociedade; valores humanos.

ABSTRACT

Currently, ethics has shown itself as one of the most critical, effervescent and uncomfortable themes, both in private and public life. Paulo Freire shows us that teaching has nothing to do with transferring knowledge and that we need to know this for its reasons of being, since knowledge is much more and that it is necessary to be constantly witnessed and lived by people. Paulo Freire's words in all of his works bring us concerns about the role we are playing in the face of everything that is happening around us. When we analyze the writing of a book, which dates from 1996 and its author is no longer with us, when we think about everything that has been said about ethics, autonomy, coherence, common sense, humanity, we realize how we have involuted. We should be more just, more ethical human beings. But what have we been?

Keywords: educations; society; humans values.

1 INTRODUÇÃO

Na atualidade a ética tem se mostrado como um dos temas mais críticos, efervescentes e incômodos, tanto na vida privada como na pública. Tendemos a dizer que muito disso tem a ver com uma crise ética que assistimos principalmente no

1. Bibliotecária pela Universidade Federal de Minas Gerais, Pedagoga pela Universidade do Estado de Minas Gerais, Analista de Sistemas pelo Centro Universitário de Maringá, Especialista em Gestão da Informação pela Pontifícia Universidade de Minas Gerais e Especialista em Informática na Educação pela Faculdade Única. Mestranda em Gestão da Informação Integralize.Online.

âmbito institucional. Nossa concepção de ética existe de forma diversificada, pois os paradigmas éticos não são únicos, deixando de ser consenso nos valores humanos. Sendo assim, vivemos uma radical fragmentação de valores, onde definir níveis éticos, onde a humanidade possa se embasar, torna-se urgente, tendo a educação – o espaço por excelência do aprendizado e da coletividade – papel fundamental.

Entendemos que valores se diferem de um povo para outro, tendo hierarquia de valores, concepção de bem e mal, lícito e ilícito, certo e errado, mudando entre cada um deles, entre classes e até mesmo entre indivíduos. Existe uma grande confusão na definição de *Ética* e *Moral*. Seus sentidos podem até ser semelhantes, pois estão ligados ao hábito, ao costume. Porém, existe uma diferença crucial entre os conceitos.

Segundo Winck et al. (2018, p. 188):

A *ética* consiste na reflexão acerca dos valores. Ela faz a reflexão sobre os fundamentos da vida moral. A função de um filósofo que se dedica ao estudo da ética é discutir (refletir) se os valores morais de uma determinada época são éticos ou não. Já por *moral* entendemos a prática dos valores, ou seja, o conjunto de regras ou normas de conduta próprias de uma dada sociedade, um grupo social ou indivíduo. Conhecer como uma pessoa se comporta diante das coisas é conhecer a sua formação moral. Em nossa filosofia de vida a moral está presente. Um ator social destituído de qualquer padrão moral não existe: é o padrão moral que possibilita a sociabilidade das pessoas.

Diante do exposto, concluímos que nossa moral pode ser ética ou não. Winck et al. (2018, p. 188) alude que “O pressuposto fundamental para sabermos se nossa moral é ética é considerarmos se esses valores, que fazem parte do fundamento moral, promovem a *vida*.”.

Já que dissemos que a ética tem na educação fonte de aprendizado, graças a seu papel de ensinar de forma crítica e autônoma, utilizaremos os escritos de Paulo Freire, na *Pedagogia da Autonomia*, para pensarmos sobre ética.

2 PEDAGOGIA DA AUTONOMIA E O QUE PODEMOS TIRAR SOBRE ÉTICA

Paulo Freire nos mostra que ensinar não tem nada a ver com transferir conhecimento, e que precisamos saber disso por suas razões de ser, visto que o conhecimento é ontológico, político, ético, epistemológico, pedagógico, e que é preciso ser constantemente testemunhado e vivido pelas pessoas. Para ele, devemos ser exemplos concretos, da prática à teoria. Devemos pensar certo, mesmo que seja uma atitude exigente, difícil, penosa e que é imprescindível que assumamos não só entre nós, mas entre todos que estão no mundo. Pensar assim é difícil, pois:

R. Bibliomar, São Luís, v. 21, n. 1, p. 145-151, jan./jun. 2022.

[...] não porque pensar certo seja forma própria de pensar de santos e de anjos e a que nós arrogantemente aspirássemos. É difícil, entre outras coisas, pela vigilância constante que temos de exercer sobre nós próprios para evitar o simplismo, as facilidades, as incoerências grosseiras. É difícil porque nem sempre temos o valor indispensável para não permitir que a raiva que podemos ter de alguém vire raivosidade que gere um pensar errado e falso. (FREIRE, 2016, p. 49).

Devemos pensar certo para que possamos reconhecer e proclamar nosso próprio erro. O pensar certo não está ligado ao preestabelecido, mas se quisermos forjá-lo numa atmosfera de licenciosidade ou espontaneísmo, sem rigor metódico, não haveria pensar correto.

O ser humano é um ser inacabado e isso nos é vital. “Onde há vida, há inacabamento.” (FREIRE, 2016, p. 50). Por isso, quando falamos em liberdade, em escolhas e mesmo em ética, estamos falando do ser humano, visto que isso não se faz possível entre os animais, seres acabados que não comungam da percepção do pensamento de que estamos em constante crescimento. A existência humana envolve linguagem e cultura, comunicação em níveis profundos e complexos, tudo isso nos torna, homens e mulheres, seres éticos. Aqueles que intervêm no mundo, que comparam, fazem juízo de valor, que também podem ser baixos, mesquinhos e indignos.

Ressaltamos que “Somente quando nos tornamos éticos podemos romper com a ética.” (FREIRE, 2016, p. 51). Sendo antiéticos somos capazes de covardemente cometer assassinatos e depois visitar os familiares para levar nossa solidariedade, podemos bombardear cidades inteiras e destruir nossos semelhantes. Foi nossa capacidade de distinguir entre as coisas, assumirmos nosso direito e dever de decisão, de lutar, que nos fizeram seres políticos, e que nos trouxeram a prática formadora eminentemente ética. O ser humano não está dado como certo, acabado, irrevogável, nossa vida não é predeterminada, preestabelecida, não temos um destino que é dado ao nascer, mas algo que deve ser feito e que é de minha responsabilidade, assim como sou responsável pelo que faço por mim, sou também responsável pelo que faço ao outro.

A possibilidade de ser gente me faz ser presente no mundo, que não ocorre no isolamento, isento de influências, sabendo que tenho heranças genéticas, mas também tenho heranças sociais, culturais e históricas. Se nego que minha presença no mundo devido a toda essa herança, afirmando que são absolutamente alheias a mim, renuncio à responsabilidade ética, histórica, política e social que a vida humana

nos dá. Renuncio meu poder de intervir no mundo. Somente o fato de me reconhecer pertencente ao mundo me põe na condição de ser inserido, de quem luta para ser sujeito da história. Como ser histórico que sou, conscientizo ao outro, algo natural do ser humano, da necessidade de lutar contra o pensamento fatalista, neoliberal, pragmático, sem ser idealista.

O homem é um ser social inacabado que está em constante busca, curiosos, que produzem conhecimento. Nossa consciência de inacabado e em constante busca nos fazem seres responsáveis, daí éticos da nossa presença no mundo. Ética que podemos trair, pois vivemos num mundo da liberdade, da opção e da decisão, onde a decência pode ser negada, a liberdade ofendida e recusada. Sendo assim não podemos prescindir da formação ética dos seres humanos. Não deveria ser preciso insistir na formação ética quando falamos de nossa formação técnica e científica para atuar no mercado de trabalho. Mas como somos inacabados, “[...] mas conscientes do inacabamento, seres da opção, da decisão, éticos, podemos negar ou trair a própria ética.” (FREIRE, 2016, p. 56).

Porém, todos nós, como seres inacabados e conscientes disso, temos nossa autonomia. Paulo Freire nos traz a seguinte reflexão sobre a autonomia que temos em relação a nós mesmos e ao próximo:

Não faz mal repetir a afirmação várias vezes feita neste texto – o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos faz seres éticos. O respeito à uma autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão. (FREIRE, 2016, p. 59).

Várias de nossas posturas que vão contra aquilo que de nós é esperado, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. Por isso, quando usamos de nosso poder e em consequência do autoritarismo, rompemos com nossa capacidade de sermos inconclusos, de aprender e de reaprendermos, rompemos com nossa eticidade. São as nossas diferenças que nos fazem crescer e, principalmente, em respeito a elas é que somos coerentes e assumimos sermos seres éticos.

Então,

É preciso deixar claro que a transgressão da eticidade jamais pode ser vista ou entendida como virtude, mas como ruptura com a decência. [...] Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer

discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever [...]. Saber que devo respeito à autonomia e à identidade [...] exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber. (FREIRE, 2016, p. 59-60).

Para algumas questões de nossas vidas, não necessitamos que um professor de ética venha nos dizer o que é certo ou errado, para isso temos nosso bom-senso. Saber que devo respeitar a autonomia das pessoas, a dignidade e a identidade do outro, ser coerente, me leva a criar em mim virtudes e qualidades. O exercício do bom-senso só nos traz benefícios, ele supera o que há de instintivo. O bom-senso, atrelado a tudo isso, me auxilia nos momentos em que a ética não pode faltar, frente ao que precisa ser feito. Devo ter uma reflexão crítica sobre meus atos. Essa avaliação revela a necessidade de uma série de virtudes ou qualidades.

Freire (2016, p. 63) comenta:

As qualidades ou virtudes são construídas por nós no esforço que nos impomos para diminuir a distância entre o que dizemos e o que fazemos. Este esforço, o de diminuir a distância entre o discurso e a prática, é já uma dessas virtudes indispensáveis – a da coerência.

Como podemos falar de respeito à dignidade se discriminamos, se somos arrogantes, se somos irresponsáveis, não cumprimos nossos deveres? Isso tudo nos leva a uma formação humana e sendo uma formação humana se faz também ética. Aludimos que “Se não pode esperar de seus agentes que sejam santos ou anjos, pode-se e deve-se deles exigir seriedade e retidão.” (FREIRE, 2016, p. 64). Um dos males de que temos mais notícias no Brasil, é o do descaso do poder público, que nos faz correr o risco de cansarmos e cairmos no indiferentismo, que nos leva a ser fatalistas, a cruzar os braços acreditando que não há mais nada a fazer. A capacidade que o ser humano tem de aprender “[...] para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala da nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas.” (FREIRE, 2016, p. 67).

Cada dia que passa, no Brasil, assistimos mais e mais notícias que, para pessoas pragmáticas neoliberais, que reagem com o habitual fatalismo de sempre, que é o esperado pelos “poderosos”, trazendo o discurso de que “Por mais que seja triste, o que se pode fazer? É isso que acontece e pronto.”. Porém, a realidade poderia ser outra e é para que seja outra, precisamos lutar. A existência humana não é dada na determinação, é domínio em que dificilmente se poderia falar de opções, de decisões, de liberdade, de ética.” (FREIRE, 2016, p. 73). Temos todos o direito de nos sentirmos com raiva, de nos manifestarmos contra, por brigarmos pelos nossos

direitos. Assim como temos também o direito a amar, expressar nossas opiniões, de no mundo termos motivação para o embate,

[...] porque, histórico, vivo a história como tempo de possibilidade e não de determinação. [...] Meu direito à raiva pressupõe que, na experiência histórica da qual participo, o amanhã não é algo pré-dado, mas um desafio, um problema. [...] O discurso da acomodação ou de sua defesa, o discurso da exaltação do silêncio imposto de que resulta a imobilidade dos silenciados, o discurso do elogio da adaptação tornado como fado ou sina, é um discurso negador da humanização de cuja responsabilidade não podemos nos eximir (FREIRE, 2016, p. 74).

Precisamos pensar nosso papel no mundo. Não somos apenas aqueles que constataam o que ocorre. Somos interventores, somos sujeitos, constatamos não para adaptar, mas para mudar, não podemos deixar que nossas constatações nos levem à impotência. Nosso conhecimento nos torna capazes de intervir. Freire (2016) diz que “[...] ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra.”. Há perguntas que precisam ser feitas insistentemente. É na rebeldia perante a injustiça que nos afirmamos e, “A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação [...]” (FREIRE, 2016, p. 77).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As palavras de Paulo Freire, na *Pedagogia da Autonomia*, assim como em todas as suas obras, nos trazem inquietações sobre qual papel nós, homens e mulheres, temos diante de tudo o que está acontecendo a nossa volta.

Parece, num primeiro momento, que uma obra da década de 90 não possa ser tão atual e claramente aplicável ao contexto que vivemos. Paulo Freire nos fala de educação, pedagogia, de autonomia, mas isso em linhas claras, porque o leitor atento, aquele em que o senso crítico foi desperto, encontra a aplicabilidade e a lucidez de suas palavras em questões como ética, cultura, sociedade, moral e modos de ser e viver.

Nunca foi tão urgente repensarmos nossa moral, nossos costumes, para como os filósofos refletirmos se nossas atitudes estão caminhando de acordo com a ética. A sociedade atual pede socorro, pois temos cometido o pior dos erros apresentados na obra de Paulo Freire, o da transgressão. Já não pensamos em nós para refletirmos em como agir com o outro, em prol do outro. Pensamos em nós por enxergarmos somente os nossos interesses, aquilo que nos trará benefícios e satisfação imediata

de nossos desejos, e ainda para piorar nossa transgressão, agimos pelo dinheiro, pelo poder, pelo ego e abraçamos e pedimos desculpas, sem o menor sentimento de culpa, aqueles que fomos capazes de prejudicar.

“Olho por olho, dente por dente”. A frase nos traz a ideia de tempos da barbárie, mas não, falamos, ou melhor agimos assim, em pleno século XXI, finais do ano de 2020 e ainda não assumimos que somos culpados por diversos desastres que afetam nossa sociedade e que tiram vidas de inocentes e desalojam pessoas de suas moradias sem ao menos uma perspectiva de volta à normalidade. É surreal pensar que o capital dominou a ética, pois nossa moral não tem nada a ver com a vida. Fazemos e fazemos sabendo dos males que vamos causar, aceitamos os riscos, esquecemos nossos próprios princípios em nome do lucro, e mesmo quando o caos se instaura, continuamos agindo como bárbaros, por escolha própria nos afastamos do que dizemos, somos puro discurso e perdemos mais uma virtude, a da coerência.

Quando analisamos a escrita de um livro, que data de 1996 e que seu autor já não se encontra mais entre nós, quando pensamos sobre tudo o que foi dito sobre ética, autonomia, coerência, bom-senso, humanidade, percebemos como involuímos. Deveríamos, se pensado pelo filtro da lógica, ser seres humanos mais justos, mais éticos. Tenho certa tendência a pensar que se vivo, Paulo Freire, otimista e a favor da luta pelo que é certo, se questionaria: “onde foi que erramos”? Mas, usando mais uma vez de suas sábias palavras, deixo aqui algo que nos faça analisar e buscar alternativas, porque era esse o pensamento de Paulo Freire(2016), não existe reflexão sem ação, então reflitam comigo: “A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser.”.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2016.

WINCK, Otto Leopoldo et al. **Filosofia da Educação**. Curitiba: IESDE Brasil, 2018.